

## A VISÃO ESTÉTICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA EXPERIÊNCIA EM ESCOLAS COM O TEATRO DO OPRIMIDO

Helen Sarapeck

*Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças. (Picasso)*

Na “raiz” do Teatro do Oprimido se encontra a Estética do Oprimido (EO), título de seu último livro<sup>1</sup> e base teórica para entendimento do método, no qual Boal constata que estamos em plena terceira guerra mundial. Uma guerra silenciosa de mensagens subliminares lançadas diariamente e ininterruptamente pelos meios de comunicação que invadem nossos cérebros criando coroas de neurônios fundamentalistas que com o tempo, passam a rejeitar pensamentos contrários, eliminando no sujeito, a capacidade de reação.

Segundo a Teoria dos Neurônios Estéticos, quando um ser humano é bombardeado diariamente com as mesmas informações dogmáticas repetitivas – sejam elas de cunho religioso ou esportivo, belicista, sexista, racista ou de qualquer outra ordem-, essas informações, por mais absurdas que sejam, cravam-se em nossos cérebros e formam impenetráveis e agressivas Coroas de Neurônios Fundamentalistas, que rejeitam qualquer pensamento contraditório e transformam suas vítimas em seres sectários da religião e do futebol, da arte e da política. Transformam seres humanos em estações repetidoras de conceitos que não entendem e de valores vazios. (BOAL, 2006, p. 8);

Quando a palavra estética é usada no TO, não tem nada em comum com o estudo do belo, sentido comumente usado. Para Boal, estética está ligada ao sentido original da palavra grega “*aisthesis*” que significa compreensão através dos sentidos. “Sabemos que a arte não se define pelo tema. A arte é um processo, uma forma de conhecimento por meio dos sentidos: esse é o significado da palavra *estético*.” (BOAL, 1984, p. 91).

O Teatro do Oprimido investe no resgate do sentido primário do termo “esteta” que deriva do grego *aisthetés*, “aquele que sente”. Assim, o TO ocupa-se da comunicação estética, ou seja, intenta de diversas maneiras desmistificar a atividade sensorial. (CASTRO-POZO, 2011, p.59).

---

<sup>1</sup> Estética do Oprimido. Editora Garamond, 2009.

A indústria cultural, em especial a estadunidense, é capitalista e, portanto, geradora de cultura que seja facilmente vendida de modo a se transformar rapidamente em dinheiro. Produz arte que diverte onde divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra (ADORNO, 2002, p. 41). Usa a arte “divertida” para alienar. É uma indústria sem nenhuma intenção benéfica, ao contrário, visa cada vez mais à manutenção de uma sociedade desigual. Uma indústria que produz músicas, filmes e arte de modo geral que estimula a inclusão de grupos marginalizados como compradores desses produtos, mas excluídos da sociedade. Um ciclo vicioso de produção de arte racista, sexista, homofóbica e violenta que age silenciosamente contra seus próprios consumidores. Sons, imagens e palavras usados na descrença da possibilidade de geração de um mundo melhor.

Boal alerta que contra essa invasão dos cérebros é preciso usar as armas de igual poder, ativando nossos neurônios estéticos. Porém, como a doutrinação se inicia quando somos ainda bebês, o desafio é grande.

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndio dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo! (BOAL, 2009, p. 15).

Os recursos usados pelos opressores estão baseados na Palavra, na Imagem e no Som, e é através das mesmas vertentes que Boal sugere que o caminho oposto da dominação estética seja usado por oprimidos, formando a base localizada na “raiz” da Árvore do Teatro do Oprimido.

Não bastava ao pedagogo do Teatro do Oprimido ser “consciente politicamente”, teria de abarcar a complexidade dos mecanismos da opressão com suas práticas não somente dentro do campo do teatro e da política, mas, sobretudo, se envolvendo com outras áreas afins como a das Artes Visuais, (...) para não somente envolver o espectador com ideias libertárias, mas, por meio dos sentidos, criar um processo artístico integral mais complexo e mais libertário que a simples arte a serviço da consciência da luta de classes. Todo o processo visa transformar o espectador no próprio protagonista da ação dramática. (LIGIÉRO, 2013, p. 17)

Foi no início do novo milênio que Boal começou a desenvolver a teoria da Estética do Oprimido de forma mais incisiva. Desde o primeiro ano do Governo Lula, iniciamos negociação para colocar em prática o projeto Teatro do Oprimido nas

Escolas<sup>2</sup> que visava usar com professores e educadores um Programa baseado em jogos e técnicas recém-criadas para o desenvolvimento da Estética do Oprimido dentro das Escolas. Seria o primeiro projeto em que a Estética seria inserida de forma sistematizada.

Boal percebia que a escola seria o melhor caminho para o desenvolvimento da proposta. Conhecedor da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire acreditava em uma educação ativa, investigadora e dialógica, achava possível desenvolver um Programa que pudesse atuar no combate à formação das coroas fundamentalistas desde a infância.

Educação significa a transmissão do saber existente. Pedagogia, a busca de novos saberes. Essas duas palavras não podem ser dissociadas, porque não podemos aceitar um saber paralítico, imóvel, não-investigativo, nem descobriremos jamais novos saberes sem conhecer os antigos. (...) A verdadeira e prazerosa Educação, porém, é Pedagógica: estímulo ao aprendizado, às alegrias das descobertas e do saber. Educação e Pedagogia são duas irmãs que são, ao mesmo tempo, mães e filhas da cultura. Filhas, porque a Cultura existe em cada sociedade em que vivemos e se manifesta através do saber que ensina e do saber que busca. Mães, porque através delas nasce uma nova Cultura, sempre em trânsito. (BOAL, 2006, p. 7)<sup>3</sup>

Em 2005 foi possível implantar a proposta através do Ministério da Educação dentro do Programa Escola Aberta da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)<sup>4</sup>. O Programa buscava aproximar a comunidade da escola, viabilizando a ocupação do espaço escolar com atividades culturais e esportivas durante os fins de semana e horários não habituais, fazendo da escola um local verdadeiramente popular e comunitário, ampliando a atuação educacional e amenizando a violência local. O Teatro do Oprimido entraria como instrumento desse diálogo, sendo mais um fio colaborativo na proposta pedagógica.

Durante dezoito meses, o CTO atuou em municípios da baixada fluminense (Belford Roxo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Queimados), Niterói e São Gonçalo. Os municípios foram escolhidos pelo Programa por se tratarem de regiões de extrema pobreza e violência contendo os maiores índices de baixa escolaridade do estado. Após uma extensa formação dos educadores, gestores e lideranças comunitárias das escolas

---

<sup>2</sup> Desenvolvido de pelo CTO entre 2004 e 2005, o projeto capacitou 60 multiplicadores e criou 22 cenas, além de produtos da Estética do Oprimido.

<sup>3</sup> Metaxis (Revista do Teatro do Oprimido) – Teatro do oprimido nas Escolas, 2006.

<sup>4</sup> Segundo Ricardo Henriques, professora da Universidade Federal fluminense e Secretário da SECAD na época: “O Programa Escola Aberta buscou suplantar apelos compensatórios e trazer o repensar dos modos de ensino e aprendizagem que rompam com as práticas tradicionais, as rotinas e os modos de agir conformados com a desigualdade, a sua naturalização, a sua suposta condição de incontornabilidade”.

envolvidas como multiplicadores na metodologia do TO, eles eram estimulados a usar o aprendizado em encontros com estudantes e moradores do entorno escolar.

Foi o primeiro projeto de grande porte que coordenei no CTO, e por isso, fundamental em minha estrada de aprendizado do método, em especial do uso da Estética do Oprimido. Posso afirmar que não foi um projeto fácil de desenvolver e os anos de experiência com o Teatro do Oprimido foram cruciais para o desafio. As dificuldades enfrentadas foram: falta de comunicação adequada com os multiplicadores, que na sua maioria não tinham acesso fácil a computadores e não possuíam celular; falta de estrutura das escolas com recursos escassos; falta de disponibilidade de tempo dos educadores que trabalhavam em duas ou mais escolas; e a principal delas, falta de interesse e descaso de alguns gestores educacionais que, assim colaboravam na produção de corpo docente desestimulado e escolas falidas.

Apesar dos entraves, foi possível contar com profissionais dedicados e esforçados que mesmo em condições péssimas, ainda encontravam estímulo para educar e instigar o diálogo no ambiente escolar. Das atividades da EO realizadas, destaco a criação da Bandeira do Brasil<sup>5</sup>; a criação do Ser Humano do lixo<sup>6</sup>; a produção de poesias; a descrição do que mais impressionou a cada um nos últimos tempos<sup>7</sup> e a criação de músicas inéditas com instrumentos feitos de lata, latinha, latão, balde, garrafa e sacola plástica.

Em um espaço de tempo de três meses dedicados à produção da EO, os participantes das oficinas, em sua maioria crianças e adolescentes, produziram dezenove músicas, sessenta poesias, seis esculturas de seres humanos e duzentas pinturas entre bandeiras e outros. Parte dessa produção foi uma excelente experiência de processo, mesmo quando não foram apresentadas como produto ao final do projeto. Quando o objeto produzido não vira um produto, ou seja, uma obra de arte, que em nada tem a ver com o artista que a produz, mas com o efeito que ela - a obra - produz em quem a vê, o que é realizado durante o processo artístico que o artista passa é fenomenal. É no processo que ele se revela, se descobre criador e se transforma em artista. O objetivo do

---

<sup>5</sup> Será descrito a seguir.

<sup>6</sup> Exercício de construção de um ser humano usando apenas o lixo limpo produzido por aqueles indivíduos ou aquela comunidade.

<sup>7</sup> Nessa técnica cada participante deve escrever em um pedaço de papel o que mais o impressionou nos últimos tempos, podendo ser um fato particular ou uma notícia nacional. Os escritos são debatidos pelo grupo e após, cada um deve fazer uma pintura a partir do escrito de outra pessoa, fazendo uma sinestesia, traduzindo para a pintura a palavra escrita.

trabalho era fazer com que os participantes percebessem suas capacidades artísticas e que através delas fosse possível perceber melhor o mundo.

O CTO foi testemunha do processo dedicado e criativo desses artistas infantis e adolescentes, entre seis e dezessete anos, que chegavam à oficina muitas vezes sem vontade e sem esperança, e que depois de quinze minutos apenas, estavam imersos no material, absortos com a escolha do papel e mergulhando os pincéis nas tintas. Os produtos surgidos neste processo foram expostos nas escolas e fizeram parte da exposição do projeto na sede do CTO motivando profissionais da educação e, especialmente das artes, pela qualidade e sinceridade com que as pinturas e esculturas transmitiam a realidade das escolas e comunidades, e faziam transparecer os desejos e anseios dos pequenos humanos artistas. É revelador o processo da estética abrindo possibilidade para as crianças descobrirem o potencial contido nelas. Como afirma Boal: “Mídia e patrocinadores fazem supor que ser artista é inalcançável dom divino, mas a vida real afirma o contrário: somos todos artistas” (BOAL, 2006, p. 20).

Dentre as experiências nas escolas durante este período, a técnica *Reformulando a Forma*<sup>8</sup> foi reveladora. A forma escolhida para a experiência no projeto foi a Bandeira do Brasil, que funciona da seguinte forma:

1ª Etapa: cada participante precisa pintar a bandeira exatamente como lembra, sem que tenha acesso a ela. Cada um deve desenhar os traços e pintar as cores o mais próximo possível da bandeira original conforme conhece. Abre-se para um debate e, após uma breve discussão sobre o Brasil, a maioria percebe que o símbolo de representação do país contrasta com a realidade.

2ª Etapa: cada um tem a chance de recriar a forma da bandeira, refazendo-a ou transformando-a, colorindo e reestruturando suas linhas, eliminando ou adicionando elementos, de maneira a dar uma opinião sobre a figura e seu significado. Nessa reconstrução, os participantes são estimulados a traduzir o país construindo uma nova bandeira. Para isso, é preciso evitar o uso dos símbolos, como palavras e números. Ao ver as pinturas prontas, uma nova reflexão é gerada analisando e comparando as novas possibilidades de bandeiras que surgem.

---

<sup>8</sup> Técnica da Estética do Oprimido que propõe a desconstrução de uma forma conhecida de modo a revelar o que realmente a forma representa. Nela podem ser usadas diferentes imagens e formas, como uma garrafa de Coca-Cola, uma marca de um produto, um símbolo turístico, desde que seja familiar ao grupo de trabalho.

3ª Etapa: por fim, o grupo deve produzir uma bandeira coletiva que represente o Brasil como eles gostariam que fosse. Preferencialmente, deve-se evitar a fala. A comunicação deve ser perceptiva através dos traços que cada um propõe.

Na primeira imagem o participante vê o que olha e imita seu modelo – a obrigação de similitude será a mola retesada que aprisionará a sua criatividade para, a seguir, libertar sua imaginação, colorindo e re-estruturando linhas, de maneira a dar uma opinião emotiva sobre o modelo e seu significado. (Boal, 2006, p. 23).

A técnica foi desenvolvida em todos os municípios envolvidos no projeto e na maioria das escolas. Surpreendeu, em primeiro lugar, que parte dos estudantes não foi capaz de desenhar a bandeira. Quando questionados, respondiam que não se lembravam de como ela era. Outras tantas recordavam bem das cores e das figuras geométricas que a compõem, mas confundiam a distribuição das cores nas figuras geométricas. Uma parte não sabia o que está escrito na tarja central da bandeira e a maioria, não sabia a quantidade de estrelas bordadas no tecido. Podemos considerar que essa falta de conhecimento não vá alterar significativamente em nada a vida do estudante e seu aprendizado como cidadão, afinal, não será a memorização da bandeira nacional que fará dele um bom sujeito, mas por outro lado, ela é o símbolo máximo de representação da nação, e é importante conhecê-lo, até mesmo para poder questioná-lo.

Apesar disso, em todos havia uma conceituação similar para o significado das cores. A atual bandeira substituiu a bandeira imperial, sendo criada em 19 de novembro de 1889, quatro dias após a proclamação da República, onde, originalmente, as cores simbolizavam as contidas nas casas reais da família de D. Pedro I. No entanto, ao longo dos anos os brasileiros associaram outros significados para cada uma delas: "branco", significa o desejo pela paz; "azul", simboliza o céu e os rios brasileiros; "amarelo", simboliza as riquezas do país; "verde", simboliza as matas. A frase "Ordem e Progresso" foi baseada nos estudos do filósofo francês fundador do positivismo Augusto Comte ainda que distorcida com a supressão da palavra amor na versão original, e as estrelas representam os estados brasileiros e o Distrito Federal. A disposição e tamanho de cada uma foram estabelecidos a partir da visão do céu da cidade do Rio de Janeiro na noite de 19 de novembro de 1889.<sup>9</sup> A grande maioria das crianças e adolescentes tinha o mesmo relato “moderno” para o significado das cores, o que possibilita a afirmação de que nas escolas o simbolismo da bandeira é bastante reiterado.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.significados.com.br/bandeira-do-brasil/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Em segundo, destaco a análise das bandeiras e a surpresa experimentada pelos jovens ao constatarem que, infelizmente, o Brasil deste milênio não corresponde ao significado positivo das cores. As bandeiras feitas por eles apresentavam representações de violência, de desmatamento, de pobreza, de corrupção. Um dos estudantes participantes do projeto comenta o fato em entrevista:

Com certeza a coisa mais interessante que eu achei, foi querer mostrar uma nova ideia através da nossa ideia (...) ele falou: desenha a Bandeira do Brasil. Tá bom, fomos lá, desenhamos, pintamos. Ai perguntou assim: o que é que isso significa pra vocês? Todo mundo falando patriotismo (...) que o Brasil é um país muito lindo, muito rico, natureza, fauna, flora. Daí ele falou assim: desenha o Brasil do jeito que vocês acham. Aí todo mundo parou... o Brasil não é tudo isso que a gente tá pensando. Tem inflação, FMI, o Brasil tá sofrendo problema de economia.(...) A Bandeira do Brasil o que é que significa? O verde (...) as florestas, e tal, o azul é o nosso céu e o amarelo são nossas riquezas naturais tanto naturais quanto econômicas e não era exatamente isso que tava acontecendo. O que é que a gente fez? Pegou tinta preta, tinta marrom, tinta vermelha. (...) isso aqui representa o sangue que tá havendo muitas mortes no Brasil, doença. E fomos botando tudo o que o Brasil realmente e infelizmente, tá acontecendo, entendeu? (fala da entrevista em vídeo a 16min:16seg)<sup>10</sup>.

E, por fim, destaco a experiência da Escola Municipal Orlando Mello em Nova Iguaçu, onde uma das multiplicadoras dava aula de artesanato no Programa Escola Aberta e recebia R\$5,00 pela hora/aula. Se não bastasse o valor absurdamente baixo, a escola era localizada, como todas as demais que trabalhamos no projeto, em local distante e ermo. Para chegar até a escola, foi preciso pegar ônibus, trem e moto táxi.

Além da dificuldade geográfica, enfrentávamos a dificuldade de falta de material. Por exemplo, nessa escola de Nova Iguaçu, não havia material nenhum disponível para a atividade. De certo que levávamos o material necessário para nosso projeto, mas é dolorido imaginar como um educador pode ser pedagógico e estimulador, em um ambiente tão inapropriado para o aprendizado. Agravando a situação, a escola não oferecia alimentação ou sequer água potável para os participantes do Programa que sabíamos ser de crianças moradoras daquele bairro pobre. Inaceitável a forma como a educação é tratada há tantos anos em nosso país, desvalorizando corpo docente e produzindo estudantes descrentes. A escola pública renegada aos que têm baixo poder aquisitivo se torna mais um artifício de marginalização das camadas oprimidas da sociedade.

---

<sup>10</sup> Vídeo TO nas Escolas.

Apesar de toda a situação degradante, o grau de comprometimento e confiança da multiplicadora era fascinante e achei fundamental apoiá-la para iniciar uma Oficina com a atividade *Re-Formulando a forma*.

No intuito de que a atividade fosse bem sucedida, a multiplicadora havia convidado todos os participantes das demais oficinas do Escola Aberta: capoeira, Hip Hop, artesanato e futebol, além de pessoas da comunidade através de uma faixa fixada na porta da escola. Ao chegarmos, eu e Cachalote Mattos<sup>11</sup> nos deparamos com muitas crianças e adolescentes de idades diferentes. A maioria era participante das Oficinas de futebol e de Hip Hop. Logo na primeira etapa da atividade, durante a discussão sobre como percebem o Brasil em seus variados aspectos da realidade em comparação com o significado das cores da bandeira, o debate foi intenso. Os adolescentes do Hip Hop se posicionaram falando do racismo, da rejeição, do preconceito, e de muitas injustiças que percebiam no país e que não constava na bandeira. Eram incisivos e pareciam dominar plenamente o tema com posicionamento claro e contundente. Os meninos do futebol, que aparentavam ter entre sete e nove anos, diante da fala imponente dos adolescentes, ficaram calados. Inclusive quando foram distribuídos os papéis para as pinturas individuais, dois deles disseram que não queriam fazer. Aceitei e complementei afirmando que podiam sair da sala, mas que iria deixar o papel ali para o caso de quererem voltar. Ambos voltaram, mas o grupo continuou dividido. Os meninos do Hip Hop de um lado e os meninos do futebol de outro.

Os garotos do Hip Hop da “atitude”, como se autodenominavam, fizeram uma bandeira coletiva em que apenas um deles desenhava, alguns davam pequenos “pitacos” e os demais olhavam. Por mais que tivéssemos insistido para realizarem um trabalho individual, pois era importante ter a opinião de cada um sobre o Brasil, o grupo seguiu desenvolvendo dessa forma, enquanto os meninos do futebol fizeram bandeiras individuais em total silêncio. Gravei em vídeo parte do processo e de como aqueles meninos tão novos se dedicaram a atividade. Ao final, as bandeiras das crianças estavam lotadas de cores e texturas. Não haviam usado a figura humana, desenhos figurativos ou qualquer simbologia. Tinham usado todo o material disponível para traduzir o que queriam sobre o Brasil. Em contrapartida, a única bandeira criada pelos adolescentes era produto do talento pessoal de um dos meninos que usou tinta spray

---

<sup>11</sup> Cenógrafo, mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UNIRIO e Profissional responsável pelo apoio no trabalho da imagem no Projeto TO nas Escolas.



(*Color Jet*)<sup>12</sup> para desenhar a bandeira que, ao final, apresentava um rosto humano e estava lotada de símbolos.

A participação das crianças e dos adolescentes nesta experiência pontual é representativa da diferença de estágio de amadurecimento entre elas, expondo na prática, a razão porque Boal desejava trabalhar a Estética do Oprimido com crianças. Há diferentes estudos que dividem as fases do desenvolvimento infantil para melhor compreendê-las, afinal, a influência do mundo em torno do indivíduo é fundamental para a construção da personalidade e dos conceitos que vai carregar para o resto da vida. Como está em formação, a criança até dez anos é receptiva ao que é exterior a ela.

Por outro lado, após o décimo ano de vida, chega a pré-adolescência lotada de intensas mudanças físicas e psicológicas. A criança nesta faixa etária passa a compreender mais a sociedade, ordens sociais e grupos, o que torna este momento instável para o desenvolvimento psicológico. Os indivíduos sentem a necessidade maior da aceitação em algum grupo social onde possa se sentir pertencido. Fase em que a opinião dada interfere em sua participação no grupo, e, portanto, muitas das vezes, o adolescente prefere não oferecer seu ponto de vista, ou tende a concordar com os demais, para continuar participando do grupo.

Na adolescência, a participação em um grupo de amigos que possuem gostos em comum passa a ser importante para o jovem, onde o modelo dado por estes prevalece diante o modelo dado pelos pais. Começam as preocupações, como a expectativa de ser aceito por um grupo, ou certas diferenças em relação à outros jovens da mesma faixa etária se agravam aqui, e são um aspecto de maior importância na adolescência.

No meu entendimento, os adolescentes do Hip Hop precisavam se afirmar no grupo e, portanto, mantiveram o posicionamento quase que uníssono. A “atitude” e a clareza ao defenderem com o uso da palavra que o Brasil é um país racista e preconceituoso com os negros e pobres, não se traduziu em atitude na hora de construir a bandeira e, tão pouco, no material e na forma. A necessidade de pertencimento a um grupo se traduziu na aceitação do desenho único como forma de expressar um posicionamento coletivo. Essa exigência em ser aceito pode reduzir a possibilidade da expressão individual, fazendo com que os adolescentes sejam facilmente dominados pela indústria cultural e pela estética imposta pela mídia.

---

<sup>12</sup> Muito usado em grafismos, a tinta spray (*Color Jet*) é símbolo de arte e rebeldia pelos grafiteiros, que tem proximidade ideológica ao mundo do Hip Hop.

O grafite é um elemento básico do movimento Hip Hop, que se expressa pela dança, pela música e pela grafiteagem com *color jet*. Os meninos do Hip Hop da escola, usaram a tinta spray que conheciam, e que os conectava ao movimento, e portanto assim, podiam ser aceitos.

Não quero aqui desmerecer o movimento Hip Hop, mas apenas analisar o quanto a indústria é influente. Mesmo um movimento reconhecido pelo uso da arte na luta e no combate às injustiças sociais, carrega os mesmos ranços da grande indústria cultural de massa, e acaba por instituir um tipo de forma estética para o combate e a rebeldia. Provoca, mesmo que sem intenção, uma limitação na produção artística do indivíduo o induzindo a se adequar a formas pré-estabelecidas e aceitas no coletivo.

Provavelmente por ainda serem crianças menores de dez anos, apesar de tímidas em um primeiro momento, os meninos do futebol ousaram logo que encontraram as tintas e os pincéis abrindo as possibilidades para um mundo novo de expressão. Não sabiam explicar com palavras o racismo, o preconceito e demais conceitos, mas sabiam expressar nas pinturas das bandeiras. Não tinham ainda a necessidade do pertencimento a um grupo e, portanto, nenhuma forma pré-estabelecida, deixando se levar pela própria intuição. Nessa fase, a criança está livre, permitindo a chegada da novidade sem severas repreensões internas.

De qualquer forma, em todas as fases da infância e adolescência é aconselhável o estímulo à produção da arte para a reflexão e formação de um pensamento crítico, evitando assim, que as crianças absorvam desde pequenas o que a indústria cultural impõe. É preciso evitar a formação de adultos com coroas fundamentalistas, e isso deve se dar, preferencialmente, nas fases iniciais de vida, quando o indivíduo está ainda em construção e tem facilidade maior de “escapar” da máquina midiática. Portanto, é preciso oferecer às crianças o contato com diferentes tipos de obras de artes, músicas, ritmos, poesias. É preciso estimular que façam a leitura dessas produções e escutem a de outros, para que seja possível ajudá-las a nutrir-se de informações e aumentar sua criatividade, e o principal: que possam produzir suas próprias obras a partir de seu ponto de vista. Assim, elas serão desde cedo, seres construtores de suas próprias ideias. O trabalho com a Estética do Oprimido, seja com a Palavra, a Imagem ou o Som, estimula a apropriação desses canais de comunicação sensível que, além de facilitar as descobertas individuais, irá colaborar para uma visão crítica da realidade no combate à dominação.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002

BOAL, Augusto. Educação, Pedagogia e Cultura. In: Metaxis – A Revista do Teatro do Oprimido. Periódico Institucional do CTO. No.3, Rio de Janeiro, 2006

BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

CASTRO-POZO, Tristan. As Redes dos Oprimidos. São Paulo: Perspectiva – Série Estudos, 2010

HENRIQUES, Ricardo. Escola Aberta e Teatro do Oprimido: relações, transformações e liberdades. In: Metaxis – A Revista do Teatro do Oprimido. Periódico Institucional do CTO. No.3, Rio de Janeiro, 2006

LIGIÉRO, Zeca. Ser e Não Ser, o artista e o espectador: questões da arte, pedagogia e política de Augusto Boal. In: LIGIÉRO, Zeca. Augusto Boal – Arte, Pedagogia e Política de Augusto Boal. Rio de Janeiro: Muruad, 2013

## Arquivo

CENTRO de Teatro do Oprimido. Súmulas de encontros do Projeto Teatro do Oprimido nas Escolas. Rio de Janeiro, ano 2005

## Vídeo

ESTÉTICA do Oprimido. Produção Roni Valk. Rio de Janeiro, 2006